

# O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE VIKING DOS SÉCULOS VIII

## A XI

OLIVEIRA, Amanda Costa, RU 2073083

(Bacharelada em História no Centro Universitário Internacional UNINTER)

SILVA, Gustavo Henrique

(orientador convidado)

## RESUMO

Este trabalho visa através da pesquisa bibliográfica conhecer os papéis das mulheres dentro da sociedade Viking analisando a esfera de atuação doméstica, religiosa, lendária e na questão delicada da participação de batalhas. Conforme os dados utilizados será possível aprender um pouco mais da realidade encontrada na Era Viking e o motivo de até os dias de hoje fazerem sucesso em diversos segmentos da cultura pop. Apesar das controvérsias encontradas nas questões das participações em batalhas pode-se notar que os direitos, autoridade e responsabilidades femininas eram maiores em comparação com outras sociedades do mesmo período, ainda hoje servindo de modelo para o empoderamento das mulheres em muitos aspectos.

**Palavras-chave:** Era Viking. Guerreiras. Sacerdotisa. Valquírias.

## 1. INTRODUÇÃO

Dentro da cultura pop recente a personagem Lagertha da série televisiva

*Vikings* se tornou um exemplo empoderamento feminista, porém será que a realidade das mulheres vikings era realmente assim tão livre e audaciosa?

Existem diversos conteúdos que contestam o protagonismo feminino na sociedade nórdica, mesmo com o encontro de ossadas de mulheres que foram enterradas com armas ainda há o questionamento se tais armas eram uma representação ritual ou se de fato se tratava de guerreiras. Através da análise de conteúdos produzidos sobre a sociedade nórdica esclarece-se melhor o papel do gênero feminino na era de ouro dos vikings em comparação com as obras ficcionais.

## **2. OS DIVERSOS PAPÉIS FEMININOS**

### **2.1 As mulheres nas lendas nórdicas**

Dentro da cultura nórdica grande parte do passado está registrado de forma mitológica. Os fatos se misturavam às lendas e personagens como Ragnar Lothbrok, um rei lendário nas narrativas escandinavas pode ter sido criado através de uma junção de vários personagens históricos, mas não há um registros de sua existência fora das lendas.

Dentre as personagens femininas mais conhecidas estão as Valquírias, que desempenhavam o papel de servas de Odin, sob o comando de sua esposa, a deusa Freya. Elas visitavam o campo de batalha e escolhiam os mais bravos dentre os mortos para levá-los ao Valhalla (que seria uma espécie de paraíso) à presença de Odin. Mesmo estando em uma posição servil, são retratadas como bravas e belas guerreiras montadas em cavalos alados. Um dos animais que simbolizavam as Valquírias, assim como Odin era o corvo, podemos encontrar esse registro dentro do mito celta Morrighu.

Odin escolhia suas Valquírias dentre as mulheres mortais nobres e as tornava semideusas, elas o serviam em tempos de guerra escolhendo os corpos e em tempos de paz ajudavam no banquete de Valhalla para os guerreiros. Para permanecerem imortais as Valquírias deveriam se manter virgens, porém existem

algumas versões de lendas em que algumas se envolveram com homens e tiveram um fim trágico.

A ópera de Richard Wagner, *O Anel de Nibelungo* (1870) dividida em quatro partes, tem em sua segunda o título “A Valquíria” e ajudou que as lendas nórdicas se tornassem conhecidas para outros públicos. Wagner se baseou na *Saga dos Volsungos* (1300) para compor sua ópera.

Atualmente há a personagem Valquíria que participa do Marvel Cinematic Universe - MCU no filme *Thor Ragnarok* (2017) e *Vingadores Ultimato* (2019). Seu papel é de sobrevivente à luta da elite de guerreiras asgardianas contra Hela (irmã de Thor e vilã do filme) no passado. Valquíria fugiu e para um planeta pobre e excêntrico onde passa a lutar em uma arena como entretenimento para população. Thor tenta recrutá-la para ajudá-lo em sua missão contra a irmã que tomou conta de Asgard, porém Valquíria a princípio não quer voltar a lutar contra Hela.

Ao final de seu arco de desenvolvimento ao longo dos filmes volta a ser uma guerreira livre e com propósito e Thor reconhecendo seu talento para liderar passa o comando de Asgard para Valquíria abdicando de seu trono e indo explorar outros locais. Sua versão da Marvel nos quadrinhos vem da personagem da mitologia nórdica Brynhildr. E segundo *Garófalo* (2020), a orientação sexual da personagem Valquíria, que foi oficializada como a primeira a ser LGBTQIA+, será melhor explorada nas próximas aparições cinematográficas.

Valquíria se tornou uma personagem muito querida por ser representada por uma mulher negra, a atriz Tessa Thompson, forte e trazendo questões de diversidade para as telas mesmo que ainda de forma tímida.

## **2.2 As contradições do “Guerreiro de Birka”**

As lendas da cultura nórdica eram passadas de forma oral através das gerações, a responsabilidade dessa passagem era das mulheres que costumavam serem contadoras de histórias muito habilidosas. Após o fim da Era Viking, Snorri Sturluson (1179-1241) passou as lendas para o papel, porém os grandes feitos de

guerreiras e deusas não possuíam evidências históricas.

Nikel (2020) relata que em 1880 foi encontrado na ilha de Bjorko, Suécia o cadáver do Guerreiro de Birka, imaginaram que o cadáver pertencera a um homem pois foi enterrado com as honras de um comandante. Havia as ossadas de dois cavalos, armas como espada, lança e escudo, além de um tabuleiro com peças usado para montar estratégias de guerra. Pela análise a guerreira teria 1,70m de altura e por volta de 30 anos e não foram encontradas marcas de batalha em seus ossos. Em 2017, após uma análise de DNA, foi divulgado no periódico *American Journal of Physical Anthropology* que o cadáver na verdade era do sexo feminino causando grande comoção, pois apesar de já terem sido encontrados outros cadáveres femininos, esse era o primeiro que insinua uma guerreira e de alta patente em um meio masculinizado.

A professora da The University of Nottingham, Judith Jesch, refutou a conclusão da análise de DNA de que o esqueleto era do sexo feminino, argumentando que os ossos de outras sepulturas poderiam ter sido misturados, que a suposição de que seria uma guerreira por conta do tabuleiro era uma especulação e que poderia haver outros motivos para o corpo de uma mulher estar no túmulo de um guerreiro. Sendo assim a discussão sobre o gênero do Guerreiro de Birka continua viva e gerando novos conteúdos, pois os objetos fúnebres poderiam ser simbolismos para a vida após a morte ou até mesmo uma conexão com os deuses.

### **2.3 O cotidiano feminino e seus deveres**

Nikel (2020) relata que dentro da sociedade nórdica as mulheres atuavam majoritariamente na rotina doméstica, cuidando da casa, filhos e animais. Elas também eram responsáveis por cuidar dos feridos, enfermos e idosos. Segundo Langer (2018) apesar de suas liberdades estavam sob a responsabilidade dos homens e se não cumprissem seu papel conforme o esperado poderiam ser punidas.

Quando o homem estava ausente, ficava responsável por seu lar e usava um molho de chaves preso ao cinto como representação de sua autoridade.

Participavam das incursões de exploração e assentamentos, porém não

participavam de transações comerciais e incursões de batalha. Não podiam dispor livremente de seus bens e nem ter voz política.

Os pais eram os responsáveis pela escolha dos maridos, porém não se sabe se as filhas poderiam recusar o escolhido. Era desejável que fossem virgens e a idade não as impedia de conseguir um bom casamento. A prática sexual feminina era possessão de sua família, porém a satisfação nessa área poderia até mesmo desencadear um divórcio caso o homem não correspondesse à expectativa de sua esposa. Recebiam respeito e liberdade em comparação às outras mulheres das sociedades europeias. Administravam as finanças da casa e em caso de viuvez poderiam dispor livremente de suas terras e herança deixada pelo marido.

Por conta do clima rigoroso tinham muitos deveres assim como todos dentro da sociedade viking, as mulheres cuidavam de tudo que fosse relativo ao interior da casa e os homens cuidavam de tudo relacionado ao exterior. Como não poderiam de fato lutar, agiam como influenciadoras para conseguir o que desejavam para proteger sua honra e de sua família.

## **2.4 A Religião Nórdica**

De acordo com Silva (2020) a religião da população viking não tem nome específico, são considerados pagãos por não serem um povo cristão. Eram politeístas e seus ritos e celebrações estavam geralmente ligados a vida cotidiana, pedindo um solo fértil, proteção, alimentos, etc. Havia também os ritos funerários e comemorações de solstícios e as preces individuais quando alguém decidia cultuar algum deus específico.

Dentro do paganismo nórdico não havia muitas regras, livros sagrados ou sacerdotes, geralmente quem dirigia as celebrações era o rei ou os nobres (*jarls*) e as festas poderiam ser dentro de bosques ou templo caso houvesse algum. Snorri Sturluson também reuniu o conhecimento sobre a religião pagã nórdica em sua *Edda* Poética e *Edda* em Prosa.

Algumas das deidades nórdicas mais conhecidas são Odin, Thor, Loki, Heimdal, Freya e Frey. Dentre as deidades femininas mais cultuadas segundo, Boyer

apud Delvalle (2014) seriam Freya, Frigg e Skaði que representavam aspectos diferentes de uma mesma deusa.

Freya representava o lado mais sensual e místico, Frigg o papel de esposa e senhora do destino, e Skaði o papel de provedora através da colheita e estações. Acreditava-se que as deusas atuavam de forma relacionada com as atividades femininas, por isso eram protetoras das tecelagens onde as mesmas recebiam homenagens em forma de símbolos e sacerdotisas aos serviços da deusa.

Apesar de seu lado benigno as deidades femininas também foram representadas como poderosas e terríveis associadas com forças da natureza, cruéis e implacáveis.

Para comunicação com os outros planos os homens também podiam participar, porém para a previsão do futuro a mulher era mais importante, sendo chamada uma völva (profetisa) para aconselhar em situações de crise.

A magia era vista como uma atividade feminina e dependendo da situação era vista como algo condenável ou útil para a sociedade garantindo também uma forma de poder feminino.

## **2.5 Aparência e vestimentas**

Lange (2018) relata que mulheres e homens não eram poupados de trabalho braçal na Era Viking e isso fazia com que seus corpos fossem bem desenvolvidos e muitas vezes tivessem características físicas do crânio bem similares, por isso em análise de esqueletos era preciso levar em consideração esses fatos e avaliar também os quadris que poderiam ajudar na confirmação do gênero. Poderiam se vestir com lãs de carneiro se fossem mais abastadas, linho e até mesmo seda que viria do comércio com Bizâncio. Os acessórios eram feitos de materiais como conchas, âmbar, contas de vidro e metais preciosos. Poderiam ser colares, broches e brincos. Em sua maioria possuíam cabelos e pele claras e a altura variava entre 1,70cm à 1,80cm.

Os cabelos recebiam maior atenção, os cuidados eram diários, pentes variados eram utilizados e os penteados intrincados podiam indicar o status social

da mulher, se era casada ou solteira, se tinha envolvimento com magia, bem como se estavam arrumados para agradar aos deuses. Eram também um acessório de sedução e geralmente bastante longos. As solteiras poderiam usar os cabelos soltos e sem a necessidade de cobri-los, já as casadas faziam uma trança e depois um nó triplo que seria mantido coberto por uma espécie de touca.

## **2.6 Os códigos de leis nórdicos e seus impactos nas relações de gênero**

Segundo Langer (2018) a lei garantia às mulheres que os homens as respeitassem e não as forçassem à demonstrações de afeto público se assim desejassem, sendo necessário o pagamento de um tipo de indenização para a família da mulher desrespeitada. Também não era aceitável agressões físicas mesmo que por acidente.

Exceções a essa proteção eram praticadas em caso de ataques, pirataria e incursões de comércio onde as mulheres estrangeiras poderiam ser usadas para venda como escravas e sofriam abusos diversos. Desde esse período a mulher tinha alguns direitos que não eram garantidos em outras populações. Com o passar dos anos os países nórdicos estiveram sempre a frente quando o assunto era o direito feminino.

De acordo com matéria publicada no site *Scandinavianway*, em 8 de março de 2020, Dia Internacional da Mulher, a Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia ocupam os quatro primeiros lugares na pesquisa de melhores países para as mulheres viverem. Esses dados são levantados anualmente através do *Global Gender Gap Report*, relatório do Fórum Econômico Mundial. Na matéria ainda são citados feitos importantes para o avanço dos direitos femininos. A Islândia foi o primeiro país a ter uma mulher como presidente por meio de eleições gerais em 1980, Vigdís Finnbogadóttir também quebrou padrões por ser uma mãe solo, divorciada e foi a primeira mulher solteira no país a realizar a adoção de uma criança.

Na Dinamarca o caso de Lili Ilse Elvenes uma mulher trans que chamou atenção em sua época, no início dos anos 1930 Lili fez cirurgias para redesignação sexual correndo os riscos por ainda serem procedimentos experimentais. Outra

conquista importante foi a de conseguir alterar seu nome legalmente, tipo de ação que até hoje gera controvérsias em países como o Brasil.

A vida de Lili Ilse Elvenes se tornou um obra ficcional sendo retratada no filme “A garota Dinamarquesa” de 2015 com o ator Eddie Redmayne interpretando-a. Na Suécia do século 19 Sophie Sager, uma governanta fez uma denúncia de agressão feita por um homem. Sophie se dirigia a Estocolmo para aprender bordado, por ter pouco dinheiro aceitou a proposta de um conhecido chamado Möller para se hospedar em sua pousada. Naquela noite o homem invadiu seu quarto para tentar estuprá-la, porém ela conseguiu escapar após alguma luta. Sophie venceu seu medo e foi em frente com a denúncia ganhando o caso e se tornando um símbolo da importância da luta dos direitos da mulher.

Em abril de 2018 o site da ONU Mulheres iniciou o projeto “Diálogos Nórdicos” que pretendia discutir os temas Gênero, Transparência e Sustentabilidade com a participação das embaixadas da Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia e do Instituto Cultural da Dinamarca realizando debates, atividades culturais e de negócios durante três anos para apoiar a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável.

## **2.7 Gênero e Educação no mundo nórdico**

Segundo Nuez (2019), Margrét Pála Ólafsdóttir é uma educadora feminista que criou o método de ensino Hjalli, que separa meninos e meninas durante a maior parte do dia escolar para promover uma educação que desmonte preconceitos e estereótipos de gênero. No ensino das meninas é trabalhado a resistência física e a expressão assertiva, meninos são ensinados a falar sobre seus sentimentos sem medos e cuidar uns dos outros. O respeito entre meninos e meninas é ensinado para que as interações sejam melhores.

O método Hjalli foi adotado por algumas escolas primárias e jardins de infância e premiado internamente em seus trinta anos de existência, embora ainda encontre resistência e crítica fora da Islândia. Para Godoy (2014) o gênero é uma construção social que pode ter os papéis alterados de acordo com a sociedade

inserida, sendo assim estes papéis podem ter variado no passado e voltar a variar no futuro.

De acordo com Langer (2018) há poucos registros sobre a vida e educação das crianças na Era Viking, porém sabe-se que se elas sobreviviam às difíceis condições de vida iniciavam o processo de educação através da própria família. Os meninos iriam aprender tarefas ligadas ao trabalho no campo, luta com espadas e escudos de madeira e brincavam com cavalos e barcos de madeira. As meninas eram ensinadas a tecer, ajudavam nas tarefas domésticas, ordenhavam aprendiam sobre ervas e a arte de curar.

Ambos poderiam brincar juntos patinando em lagos congelados e jogando Hnetfall (um tipo de jogo de tabuleiro). Porém essa unidade não passava da brincadeira e as crianças recebiam os conselhos e ensinamentos sobre seus papéis distintos de acordo o gênero. Mulheres seriam regidas por homens, homens deveriam defender a família e a si próprio e ambos deveriam se preparar para se protegerem em caso de invasores.

## **2.8 As polêmicas Guerreiras Viking**

Apesar de toda admiração que a cultura nórdica dava às mulheres em suas lendas há poucos vestígios arqueológicos que comprovem a presença das mesmas em batalhas. Lagertha da série Vikings que é uma Donzela de Escudo (skjaldmö) é uma personagem retratada desde o século XIX e que traz a indagação se tais donzelas realmente existiram.

Segundo Langer (2018) a única fonte conhecida sobre Lagertha é a *História Danesa* escrita pelo clérigo alemão Saxo Grammaticus no século XII. Saxo narra que Lagertha era uma mulher virgem, brava e audaz que usava as roupas masculinas e participava das batalhas em busca de vingança. Lagertha também teria sido a primeira esposa do herói Ragnar Lothbrok que foi mencionado na introdução, tendo três filhos com o mesmo e se divorciado quando Ragnar quis disputar a mão da princesa Thora Borgarhjört.

Lagertha casou-se novamente, porém o nome de seu segundo marido é

desconhecido e há uma sugestão de que a morte de seu segundo marido tenha sido causada pela própria Lagertha Porém, ainda que a História Danesa faça referência a eventos históricos, também narra lendas, sendo assim Lagertha é considerada uma personagem literária embora alguns acreditem que ela possa ter sido inspirada em rainhas ou mulheres nobres.

Segundo o arqueólogo Leszek Gardela apud. Langer encontrar evidências sobre a atuação feminina em batalha é problemático, pois nos túmulos de mulheres encontrados era muito raro que fossem simples com apenas o corpo e uma espada que era o principal símbolo marcial na Era Viking.

Como foi citado no tópico sobre o Guerreiro de Birka, as armas poderiam representar divindades como Thor e Odin. Facas, adagas e arco e flechas podem ter sido utilizados para caça, atividades rotineiras e defesa da propriedade e não necessariamente para guerras.

Gardela também afirma que a questão da presença das mulheres em batalhas poderá ser melhor analisada com exames osteológicos, como por exemplo foi utilizado nos corpos das mulheres Sármatas na Ásia Central através da pesquisa feita pela arqueóloga Davis-Kimball.

Nestes exames dos ossos foi comprovado que de fato as mulheres estavam na batalha, foram encontrados indícios e cortes, fraturas e sinais de contusão causados por armamentos de guerra. Apesar do método parecer promissor a questão permanece em aberto para futuras descobertas contribuírem com o debate.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa bibliográfica usada para a coleta dos dados utilizados foi realizada através do livro de Johnni Langer “Dicionário da cultura Viking” que abriga variados tipos de conhecimento sobre o cotidiano das mulheres e explicações de contextos de mitos e lendas.

Outra fonte utilizada foi a pesquisa em variados jornais e revistas a respeito da descoberta do “Guerreiro de Birka”, bem como a parte mais recente da história feminina na cultura nórdica. Dentre esses veículos o site “Life in Norway” forneceu

grandes contribuições para a estrutura do presente artigo.

E por fim o uso de artigos acadêmicos como o de Francielly da Silva Delvalle e Fernanda Godoy e Tiago de Oliveira Veloso Silva foi utilizado para o entendimento dos temas lendários, religiosos e de gênero.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mulheres têm cada vez mais conseguido conquistar direitos e liberdades que as mulheres nórdicas já possuíam há muitos séculos antes, porém apesar da sociedade andar a passos lentos e termos que lidar com o retrocesso a cada dia o poder feminino nunca deixou de existir.

Mesmo com os papéis domésticos como sua principal atividade a mulher nórdica conhecia seu potencial e protegia a si e aos seus com todos seus recursos. As questões a respeito de guerreiras viking ainda permanece em debate se de fato existiram ou se seu papel era como um elemento para trazer força e conselho ao invés de ser uma donzela de escudo. Embora o debate ainda esteja em curso e provavelmente permaneça assim até evidências mais concretas serem descobertas podemos concluir pelas representações nos mitos que a sociedade nórdica tinha uma imagem feminina como forte, bela, destemida, inteligente e digna de respeito e até mesmo medo.

Essa representação chega até os dias de hoje através de Lagertha, Vaquíria, Eivor, do jogo Assassin's Creed Valhalla e faz com que as mulheres possam se enxergar como muito mais do os estereótipos de fragilidade e beleza, e assumir sua coragem e perspicácia em diferentes papéis.

#### **REFERÊNCIAS**

DELVALLE, Francielly da Silva. "As Representações da Mulher na Mitologia Nórdica". XII Encontro da Associação Nacional de História, Seção Mato Grosso do Sul.2014

GODOY, Fernanda. Sobre as Mulheres Vikings e as Questões de Gênero no Medievo. *Medievalis* Vol 3. N 2, 2014.

GARÓFALO, Nicolaos. “Bissexualidade de Valquíria pode ficar mais clara em Thor Love and Thunder”, Omelete. <https://www.omelete.com.br/marvel-cinema/thor-love-and-thunder-valquiria-bissexualidade-mais-clara> (Acesso em 10/11/2020)

LANGER, Johnni. “Dicionário de História e Cultura da Era Viking”. Editora Hedra. São Paulo. 1ª Edição Ebook. 2018.

NIKEL, David. “Viking Women: What Women Really Did in the Viking Age”; Life in Norway. <https://www.lifeinnorway.net/viking-women/> (Acesso em 06/10/2020)

SILVA, Daniel Neves. "Religião Viking"; *Brasil Escola*.  
<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/religiao-viking.htm> (Acesso em 09/10/2020)

<http://www.onumulheres.org.br/noticias/em-parceria-com-a-onu-mulheres-paises-nordicos-propoem-dialogo-sobre-igualdade-de-genero-no-brasil/> (Acesso em 30/10/2020)

<https://scandinavianway.com.br/direitos-das-mulheres-nordicas-pioneiras/> (Acesso em 30/10/2020)

<https://super.abril.com.br/historia/mulheres-vikings-lutavam-em-batalhas/> (Acesso em 06/10/2020)

<https://veja.abril.com.br/ciencia/importante-guerreiro-viking-era-na-verdade-uma-mulher/> (Acesso em 06/10/2020)

<https://viagem.estadao.com.br/blogs/viagens-plasticas/famoso-guerreiro-viking-quem-diria-era-mulher/> (Acesso em 06/10/2020)